





rui knopfli
nada tem já encanto
poemas escolhidos

SELECÇÃO
PEDRO MEXIA

PREFÁCIO
EUGÉNIO LISBOA

COORDENADOR DA COLECÇÃO
PEDRO MEXIA

LISBOA
TINTA-DA-CHINA
M M X V I I

«NADA TEM JÁ ENCANTO»
UM EXÍLIO QUE VINHA DE LONGE
EUGÉNIO LISBOA

«*I speak of Africa and golden joys*» («Eu falo de África e de alegrias douradas»), assim diz o «humorista irregular», Pistol, na segunda parte do *Henrique IV*, de Shakespeare. «Eu falo de África e de alegrias douradas» — assim poderia falar, congeminado-se, tem-se congeminado — o poeta Rui Knopfli, que viveu em Londres entre 1976 e 1997, afastado da apetecida «brisa molenga» da cidade do Índico onde vivera e que celebrara em versos de melancolia e premonição.

Em Londres — cidade longa e apetecidamente sonhada — aterrara, depois de expulso do «país dos outros», no qual vivera, amara, preguiçara, intrigara e escrevera. Ali, na capital inglesa, se iria consumir, em ardente fogo depressivo, numa Europa culta mas, no fim de contas, incompatível com a África dos grandes espaços ardidados e das micaias espartanas. A Europa, vista das ruas cheias de acácias de Lourenço Marques, era uma coisa. A Europa sem regresso garantido aos amigos de sábado à tarde e de sábado à noite e às guerrilhas da *Voz de Moçambique* contra os reaccionários de pacotilha e os delatores de serviço era outra coisa. Em Londres, numa casa confortável, tendo às vezes como vizinha a Ava Gardner, e acotovelando-se no Harrod's com o John Mills ou no Habitat com a Ingrid Bergman, o poeta, bem pago, bem alimentado, bem aparicado, afinal finava-se de saudades não mitigadas e de assassino «humor merencório». É esta a lenda romântica, o clichê de serviço, romântico q.b. e facilmente explorável pelos doutorandos e mestrados à caça de tema. «Exílio» é uma bela palavra, excita a imaginação e afaga,

© 2017, Herdeiros de Rui Knopfli e
Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A,
1500-461 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/29/30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Nada Tem Já Encanto — Poemas Escolhidos*
Autor: Rui Knopfli
Coordenador da colecção: Pedro Mexia
Seleccção: Pedro Mexia
Prefácio: Eugénio Lisboa
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china (P. Serpa)
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

1.ª edição: Outubro de 2017

ISBN 978-989-671-394-2
DEPÓSITO LEGAL N.º: 430 401/17

com facilidade e fartura, as páginas A4 da tese-a-haver... Afastado do berço africano e das iridescências do seu sol tumultuoso e de outros calores e ardências, o poeta finava-se no frio nevoeiro londrino, mesmo que este por acaso já não existisse.

É uma história bonita, um bocadinho pires, talvez, mas bonita, com o único inconveniente de ser uma história falsa e mal contada. A verdade é outra, mais complexa, mais terrível, porque cobre uma agonia muito mais duradoura — uma agonia que vinha de longe. As «alegrias douradas» dessa África mítica tinham existido, sim, tinham sido fruídas um breve momento — mas só um brevíssimo momento. O sol dessas alegrias era um sol intenso, mas afligido, desde muito cedo, por horríveis manchas solares. Desde havia muito, desde que, abandonada a infância e a adolescência, o poeta começara a intuir a vivência chata, cinzenta — e já ameaçada — de um presente, onde já não era rei e muito menos invulnerável. Talvez se não tenha notado que, logo no primeiro poema do primeiro livro publicado — *O País dos Outros* —, fica dito, em letras de fogo, que o paraíso acabou, que se aproximam tempos de «baionetas caladas», de «demência», embora «por enquanto» — o que há de sinistro neste «por enquanto»! — «mais nada, senão / o torvo tinir dos talheres / no banquete da morte impossível». Não se podia ser mais explícito, num livro publicado aos 27 anos. Aliás, ainda antes desse primeiro poema desse primeiro livro, tudo ficava logo anunciado no título exarado na capa: *O País dos Outros*, com as duas primeiras palavras a amarelo (solar) e as duas últimas a negro: o negro, simultaneamente a cor daqueles a quem o «país» inequivocamente pertence, e a cor da «comenda de fogo» que aguarda o autor e os seus familiares e amigos. O país que, ironicamente, era «dos outros», mas era também o único em que lhe sabia bem viver — ou soubera, em tempos em que «resumia o sonho à nitidez gulosa / do pão com manteiga». Porque houvera, realmente, um tempo — e só esse — em que a vida lhe fora paraíso — e será esse tempo que perpetuamente recordará no

presente: «Eu, / fiquei na vida de calção», dirá no poema intitulado «Tempo morto», do seu livro de estreia. É um poema central e dolorosamente significativo, em que o essencial da confissão do poeta fica para sempre inscrito: «A minha infância é um cão malhado. / Chama-se *Foxie* e ladra aos passantes. / Andou por aí / solto nos matos, / dormiu nos bancos ao relento, / olhou as estrelas, sem mistério / e sem as compreender. / Seu olhar langue e sem mágoa / aceitou as carícias e os pontapés / que lhe quiseram dar. / Sabia os recantos da rua / e os segredos do baldio defronte. / Conheceu noites de cio / e dias de vagabundagem // Foi inconsequente / e — como já disse / — morreu atropelado / numa escura manhã sem data».

Foi este — e só este — o tempo das «alegrias douradas» e das «mangas verdes com sal», o «tempo das amoras» que para sempre celebrará no belo poema intitulado «Estrada», também incluído logo no seu primeiro livro: «Súbito apercebo-me: / Segue a viagem dos anos. / Passou o tempo das amoras / e das laranjas furtadas, / em que colhia / a flor da *chuva de ouro* / para sugar o gostinho a açúcar. // Sonho com uma comprida paisagem de cedros / que nunca vi. / Apetece-me deixar o corpo adormecido / junto ao rádio / e ir passear pelos galhos das árvores / e sobre os fios telefónicos, // Nada feito, / pesada de agruras e desertos / segue a viagem dos anos».

Rui Knopfli, como tantos de nós, nascera num momento crucial da evolução do grande continente africano. John Gunther, em *Inside Africa*, publicado em 1955 — precisamente o ano em que, concluído o meu curso de engenharia, regressaria a Moçambique —, livro magnífico e recheado de informações e congeminações, observa:

Esta é a primeira observação a fazer acerca da África contemporânea — a sua emergência, a velocidade exagerada, no sentido de abraçar os tempos modernos.

Os problemas inevitavelmente derivados desta evolução são tão difíceis, tão abrasivos e intrigantes, que não podem ser descritos numa pOLEDada [de texto]; muito deste livro [*Inside Africa*] ocupar-se-á deles. O segundo grande ponto é um ponto contrário. Ao mesmo tempo que partilhando, com zelo confuso, muito do que o mundo ocidental tem para oferecer, muitas partes de África estão também a tentar desenvencilhar-se das algemas políticas do Ocidente. Os africanos desejam a nossa educação e as nossas técnicas, o nosso modo de vida e o nosso padrão de viver, mas não o nosso domínio e exploração. Claro que há milhões de africanos ainda demasiado ignorantes, demasiado atrasados, quase crianças, e suficientemente pouco educados para poderem perceber o que significa o nacionalismo ou para se preocuparem minimamente com o serem ou não serem politicamente livres. Contudo, a nota nacionalista anda a ressoar por todo o lado. Haverá pouquíssimos africanos educados que não sejam nacionalistas, de alguma maneira, para bem ou para mal. A África, como praticamente qualquer outro lugar pouco desenvolvido do mundo, procura libertar-se do colonialismo do velho estilo, com as suas privações, abusos e anacronismos.

Foi nesta África emergente e a acordar que me encontrei, no regresso a Moçambique em 1955, com o Rui Knopfli e outros companheiros de aventura, ventura e desventura. Nós sentíamos — como rio subterrâneo e profundo, ainda não demasiado perceptível — esse pulsar de uma transformação. Uma transformação inevitável, que racionalizávamos como *decente* e *justa*, mas que iria — sentíamos-lo — abanar por completo os alicerces do nosso mundo de brancos.

A literatura poética de Rui Knopfli está cheia — desde cedo — deste pressentir de uma *mudança* que nada poderá ou deverá

deter. Mas toda a mudança, mesmo boa, transporta sofrimento para uns, alegria para outros, indiferença e oportunidade para alguns. São coisas difíceis de enfrentar, e mais difíceis ainda de exprimir. Peço licença para aqui transcrever uma curtíssima passagem do meu terceiro volume de memórias, a sair em breve — nele procuro sugerir, com alguma verdade, o que nós sentíamos então naquela Lourenço Marques cheia de luz e de vida:

Era uma África estranha, aquela em que me encontrava. Sedutora e sibilinamente ameaçadora. Dos 198 milhões de habitantes (disseminados por uma superfície gigantesca de 11 262 000 milhas quadradas), só cinco milhões eram europeus (2,5%). E eram estes 2,5% que detinham, por todo o lado, o poder. Alguma coisa tinha de acontecer. E era a percepção deste desequilíbrio que introduzia uma música, muito em surdina por enquanto, naquele meu *novo estar* em África: que já não era bem a mesma coisa que fora, nos tempos da Estrada do Zixaxa e da Mendonça Barreto. A cegueira — quase inocência — daqueles anos adolescentes começava a sofrer brechas. Se eu começava a acordar, *alguém* começara, decerto, a acordar antes de mim. E com força.

Aparentemente, tudo ia continuar. Eu iria [estar em] Lourenço Marques, haveria encontros e desencontros, alegrias e tristezas. Tudo isso que, para mim, seria profundo, passar-se-ia, contudo, *à superfície* de outro drama mais complexo e violento, que iria desenrolar-se. Quando? Estaria muito longe? Ou demasiado perto?

De qualquer modo, a África para que ‘regressara’ já não era, para mim, aquela África inocente em que vivera a minha adolescência inquieta mas estranhamente feliz. Ou então eu já não era o mesmo. Não sendo o mesmo, já não via as coisas da mesma maneira. Por isso, de certo modo, podemos dizer com alguma agonia que não há regresso possível. Eu estava de novo em Lourenço Marques, mas ao mesmo tempo já lá não estava

como antes estivera. Como diz o provérbio persa, «a seta que larga o arco nunca regressa».

Era, pois, neste presente cheio de uma luz que pressentia sombras, era nisto que nós estávamos, no momento em que selávamos as nossas amizades e nos metíamos aos gozos e às feridas das nossas aventuras culturais.

No Rui podia desde logo, perscrutando-o a ele e aos seus textos, descortinar-se um duplo exílio: o de cariz existencial, que tinha que ver com a sua expulsão definitiva do paraíso da infância, onde existia a única felicidade possível; e o exílio geográfico, que se começava a desenhar no horizonte, com os «*winds of change*» que já tinham começado a soprar em todo o continente negro.

O exílio existencial — talvez o mais poderoso, porque o mais incurável — tinha que ver com um passado intenso que o império da «lembrança» constantemente trazia ao *presente*. Se, como queria Agathon, citado por Aristóteles, o único poder negado aos deuses é o de desfazerem o passado, a verdade é que o único contacto com esse passado que aos humanos resta é o efectuado pelo exercício da *lembrança*: palavra obsessivamente repetida, quase como ritual propiciatório, no belo poema intitulado «Marinha», do seu segundo livro, *Reino Submarino*: «Lembrança / de uma tarde de praia, / ondas rebentando na muralha / altos cachos de brancura rápida. / Lembrança / de barcos balouçando na distância / seus cheiros intensos: cordame, / salitre, cânhamo, resinas. / Lembrança / do vento agreste / com ranger de lonas e madeirame. / Gabardina azul / e os cabelos desgrehnhados, / eras / o som distorcido das palavras entrecortadas / ao contraponto poderoso / do mar e do vento. / Era a oscilante / mancha escura / na areia leve, / a alvura dos dedos longos e frios, / longínqua e cinzenta / como uma gaivota na ressaca.»

Veja-se o vigor com que o passado vem, expulsando o presente chato e cinzento, matando sem escrúpulos esse presente,

para que possa ele próprio reivindicar um estatuto de perenidade. Tudo neste quadro é *intenso* e forte: os «cachos de brancura rápida», os barcos com «seus cheiros intensos: cordame, salitre, cânhamo, resina», o «vento agreste», os «cabelos desgrehnhados»... Era talvez neste sentido que o poeta, romancista e místico indiano Rabindranath Tagore dizia, num seu poema, que «A memória, a sacerdotisa / mata o presente / e oferece o seu coração ao altar do passado morto». Morto, mas redivivo pelo império irresistível da memória.

A *lembrança* convoca esse passado quase intoleravelmente vivo, um passado no qual, como diz num verso do belo poema «Adeus Xico», «era tudo belo por princípio». Esse «tudo» englobava: «As brincadeiras malucas, / o riso desordenado, / as terríveis aventuras, / as incursões até às Lagoas, / as más notas todo o fim / de período, / e a paisagem certamente», e também «os tons envernizados da fruta / dos cajueiros», e por fim o «espanto» que tudo isso causava... Esse passado, que foi tão vivo, ainda «hoje», quando surge, involuntariamente ofusca por completo o presente e o possível futuro. Era, creio, neste sentido, que o filósofo americano Ralph Waldo Emerson notava que «nós não somos livres de usar o hoje ou prometer o amanhã, porque já estamos hipotecados ao ontem». No poema «Medalhão», de *Reino Submarino*, o poeta convoca para o presente o «rostro magro, / rosto lunar apesar disso, / rosto de traços finos, / rosto que amo / como *lembrança velha / no canto da memória*» (itálico meu). A memória como que confere ao passado que se visita um encanto e uma magia novos. São momentos, como diz o poeta Stephen Spender, «que não podem nunca voltar a acontecer e nunca perdem o seu portento».

Esta mitificação amorosa do passado habita nos próprios títulos de tantos dos seus livros: *Reino Submarino* (que alude, enviesadamente, a uma série de episódios que nos fascinaram, nas *matinéés* de domingo, no Scala), *Mangas Verdes com Sal* (o pecado que todos cometíamos, quando, garotos, apesar

NOTA EDITORIAL

Nada Tem Já Encanto *antologia aproximadamente metade da produção poética que Rui Knopfli recolheu em livro, nos oito títulos publicados entre 1959 (O País dos Outros) e 1997 (O Monhé das Cobras).*

A opção por uma antologia extensa, abrangente, justificou duas decisões editoriais: por um lado, a de reimprimir integralmente dois livros meditativos, Máquina de Areia (1964) e O Escriba Acocorado (1978), que podem ser considerados um poema único dividido em várias secções; por outro, a de privilegiar determinada narrativa, a da decepção «pós-imperial», deixando de lado outros temas reincidentes, nomeadamente a poesia amorosa e as inúmeras «artes poéticas», além de motivos mais esporádicos.

O texto utilizado nesta edição é, no essencial, o da Obra Poética, publicada em 2003 pela Imprensa Nacional — Casa da Moeda. Dúvidas sobre grafia, pontuação e divisão estrófica foram ultrapassadas com recurso às edições originais dos livros de Rui Knopfli e ao volume Memória Consentida: 20 Anos de Poesia 1959/1979 (INCM, 1982), publicado em vida do autor.

Também se consultou a edição brasileira da poesia de Knopfli, bem como a versão portuguesa das edições bilingues publicadas na Bélgica, em Itália e em Espanha: Antologia Poética. Organização de Eugénio Lisboa. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010; Le Pays des autres. Tradução de Marie-Claire Vromans. Bruxelas, Orfeu, 1995; Poesia e nient'altro. Una scelta antologica. Organização de Valeria Tocco, tradução de Benedetta Campenni, Lisa

Franchini, Francesca Giannelli e Rebecca Martignoni. Roma, Bonanno, 2012; El país de los otros. Antología poética. Prólogo, selección e tradução de Luis María Marina. Mérida, Editora Regional de Extremadura, 2015.

Por último, mas não em último, agradecemos os esclarecimentos e as sugestões de Eugénio Lisboa e de Eduardo Pitta.

P.M.



de
O País dos Outros
(1959)

LÍRICA PARA UMA AVE

Num céu de chumbo e baionetas
caladas,
sobre uma floresta de sono
e demência,
tonta, esvoaça perdida
uma ave sangrenta.
Na turva e opressa manhã
se anuncia a cólera
do tempo.

Na hora
da aurora,
gemem ventos,
fluem surdos rios.

Cerra os olhos,
cala na garganta
a voz,
acorda audível
o pensamento:

No escuro cerne da floresta,
com sorrisos dependurados à entrada,
degola-se uma ave.
Por enquanto mais nada, senão
o torvo tinir dos talheres
no banquete da morte impossível.

NATURALIDADE

Europeu, me dizem.
Eivam-me de literatura e doutrina
europeias
e europeu me chamam.

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou.
Pulsa-me o coração ao ritmo dolente
desta luz e deste quebranto.
Trago no sangue uma amplidão
de coordenadas geográficas e mar Índico.
Rosas não me dizem nada,
caso-me mais à agrura das micaias
e ao silêncio longo e roxo das tardes
com gritos de aves estranhas.

Chamais-me europeu? Pronto, calo-me.
Mas dentro de mim há savanas de aridez
e planuras sem fim
com longos rios languos e sinuosos,
uma fita de fumo vertical,
um negro e uma viola estalando.

PRINCÍPIO DO DIA

Rompe-me o sono um latir de cães
na madrugada. Acordo na antemanhã
de gritos desconexos e sacudo
de mim os restos da noite
e a cinza dos cigarros fumados
na véspera.
Digo adeus à noite sem saudade,
digo bom dia ao novo dia.
Na mesa o retrato ganha contorno,
digo-lhe bom dia
e sei que intimamente ele responde.

Saio para a rua
e vou dizendo bom dia em surdina
às coisas e pessoas por que passo.

No escritório digo bom dia.
Dizem-me bom dia como quem fecha
uma janela sobre o nevoeiro,
palavras ditas com a epiderme,
som dissonante, opaco, pesado muro
entre o sentir e o falar.
E bom dia já não é mais a ponte
que eu experimentei levantar.
Calado,
sento-me à secretária, soturno, desencantado.

(Amanhã volto a experimentar.)

SOBREVIVÊNCIA

Na janela do consultório há um cisne
cor do sol-nascente.
Não é um cisne real,
é um cisne que eu imagino
num rio que corre junto à encosta dum vale.
O rio nasce na memória
e arrasta consigo doloridos musgos de lembrança.
O cisne bóia e permanece
cortado na vidraça, com ar solene
a ver passar pedaços de recordações,
a ver fluir um rio sem margens.
As recordações vão diluir-se no longe,
o próprio rio secará no tempo,
mortas serão as esbatidas palavras à estiagem dos anos.
Haverá terra nos meus olhos
e silêncio em meus lábios apodrecidos.
O cisne há-de ficar, todavia,
imóvel e rubro,
direito no seu perfil,
coração sangrando,
retrato de meus dias.

DIRECÇÃO PROIBIDA

Por uma rua enlameada e escura
regresso a casa de meus pais,
neste inverno cinzento e dolorido.
Regresso pesado das contrariedades,
das rugas da testa,
da hipermetropia dos olhos.
Volto em passo lento junto
ao musgo azul da parede,
sobre polidas pedras da infância.
A vista abarca a menopausa
sem cor das coisas de antigamente,
e planta girassóis de lembrança
nos lugares de outrora.
Mudo, desço a estrada da memória
onde brinca a quadrilha do
Losango Azul.

(O Archeiro Verde atira para o céu
a flecha da aventura. Numa esquina
qualquer Spike Holland espreita...)

Nada tem já encanto. Construíram
um prédio novo no descampado,
cortaram o bambual, roubaram
minha espada de lata, mataram
a criança que havia em mim.
Todo um quarteirão moderno
alinha o seu sorriso hostil
e esconde os lugares queridos.
Engano. Julguei que regressava.

Não se regressa.
É de lágrimas a paisagem que vejo.

CARTA PARA UM AMOR

Cidade!,
nunca fui mais longe do que
à raia de Espanha.
Creio amar Paris,
conheço Paris dos filmes, a Concórdia
dos postais, a Torre Eiffel divulgada,
Hitler passando sob o Arco de Triunfo.
Amo Paris em Aragon e Éluard,
Paris dos pintores, Paris de Erenburgo.
Amo outras cidades, todas as grandes
cidades.
Madrid dos espanhóis e do coração despedaçado,
Stalinegrado das batalhas, Berlim do triunfo.
Nunca fui às grandes cidades,
amo-as porque os homens mas ensinaram
a amar.
Conheço Lisboa grande e colorida,
longe dos meus sentidos
e Johannesburg do ouro e do pó.
Nunca fui a New York ou São Paulo
do Brasil.
Chicago, Los Angeles, Londres,
Moscou, Rio, não conheço,
nem conheço as grandes cidades,
que as há,
do estado de Massachusetts
ou da beira do Nilo.
Cidade!,
amo em retórica discursiva
as outras cidades.

Das viagens que tenho feito,
por rotas tão diferentes,
és sempre a meta, cidade que amo
desde sempre,
— para lá dos poetas, dos pintores,
dos filmes e da retórica discursiva.
Os nossos companheiros tiveram
a coragem de partir,
vivem nas grandes cidades, com história,
do mundo,
eu fui covarde e fiquei.
Experimentei, e não soube, viver longe de ti
noutras cidades.
Sei que este meu amor é a minha mediocridade
também,
a mediocridade de quem não teve asas
para subir mais alto
e orgulho, o orgulho que nada venceu,
nem o ser estranho na própria terra.
É uma ternura que escorre
das tuas tranquilas avenidas de acácias
e jacarandás,
dos claros prédios,
da população colorida,
de mansitude da baía,
do teu ar de provinciana janota.
Cidade, menina fútil
de pouca história,
carros pequenos nas ruas,
velas na baía, patinadores nos ringues,
terra de sete estuários,
de cinemas e cafés buliçosos,
de alegrias e pequenas traições,
leviana, ingénua, snob, bonita,

mulata, branca,
hindu, negra
de cabelos louros e olhos amendoados,
morena sensual,
terra índica, minha terra,
minha amada inocente, prostituída.

Amo-te cidade da infância,
com girassóis e casas de madeira e zinco
a dormir na neblina da memória.
As quadrilhas de arco, flecha e pistola
de fulminantes,
os esconderijos da barreira,
o sexo e as coxas morenas de Xila,
a Sete de Março da política e dos antigos cafés,
a tristeza verde-negra do Enes,
o paço do senhor bispo
e S. Navio todos os meses.

Quebrou-se esse velho espanto
e nossos companheiros tiveram a coragem
de partir para outras cidades,
com história, do mundo
(Para eles tua lembrança é
fugitiva mágoa).
Só,
eu fiquei abraçado a este amor anónimo.

Agora,
 ergo-me na noite
 com vento de cortinas.
 Agora ergo-me,
 neste preciso e exacto
 momento.
 (Uma cabeça de cavalo
 relincha na escuridão,
 oh! estepes! estepes!)
 Agora, insólito e amalgamado
 de estranhas persuasões,
 no ventre do negrume,
 ergo-me e é como se
 não houvesse nada,
 só as coisas boas,
 porque só eu estou hirto
 e acordado
 no centro da noite.
 Uma pausa, um impasse
 um vislumbre de través
 a varar neblinas,
 um desejo incólume
 a boiar à tona das estrelas
 e,
 dormis, lázaros da traição,
 comigo acordado, medonho, hirto,
 direito na noite, onde uma cabeça
 de cavalo relincha, oh! estepes!,
 estepes! relincha
 liberdades de campina.

Faz muitos anos que me oculto,
 quedo, estendido ao longo desta muralha.
 Infectas as feridas são vivas
 e secam em falso oblongas crostas.
 Estendido em silêncio e torpor:
 Vinte e tantos anos de idade
 e outros tantos de medo.

O medo da palavra e do gesto,
 medo na aba do chapéu e na gabardina,
 medo de ti que me olhas na avenida,
 medo escorrido ao longo da fachada,
 mergulhado nas poças brilhantes do asfalto.
 Não tenho culpa de ter medo,
 nasci no tempo impreciso do medo.

Não temo o rosto diverso da morte,
 não temo a ameaça da nuvem atómica,
 não temo o susceptível de ser temido
 há dois mil e tantos anos.
 Tem a disfarçada ameaça indisfarçada,
 temo o horror da angústia a toda a hora,
 temo o temor do tempo do medo.

O medo infla, cresce e avoluma-se.
 Impregna-se na carne, no cerne das unhas,
 veste a tepidez da epiderme e o frio dos ossos.
 Total, domina, obstrui, materializa-se em suor.
 Pela calada sombria vireis na hora próxima.

Prevenido de medo, farto de medo,
tremo, e este modo é uma ameaça

que se oblitera e volta contra vós.

D A W N

Agónica noite estremece
e despedaça-se
lá fora em chuva
nas vidraças.
Das sombras, das solidões
dos recantos recônditos
da noite e da chuva
saem homens.
Pela crosta da terra passa
um frémito de arrepio.
Chove.
Chove em África.
É noite.
É noite em África.
Mão desmedida ergue-se
no breu,
corpo da terra que as águas
fecundam, impregnam.
Silêncios, hesitações,
sono de séculos, jugos,
racham em surdina.
Jogamos bridge na tepidez
do living,
reclinamo-nos na morna
penumbra erótica
dos cinemas,
ou dormimos em calma
digestão.
Para lá
da noite angustiada

monótono acalanto ergue
a voz.
No inescrutável, nas sombras,
nos recantos recônditos de agónica noite
África desperta...

T É D I O

Estamos chateados e não temos ilusões.
As nossas árvores não frutificam fantasias,
dão flores de sangue
e frutos abortivos de dor.
Atiramos pedras pr'além do muro
e escutamos o som opaco da queda.
O muro é de silêncio
mas as pedras têm arestas e levantam nuvens de caliça
que pairam no ar.
Subimos uma avenida de acácias,
passeios brancos e asfalto grosso.
Não nos interessam as acácias, os passeios brancos
e o asfalto grosso.
Vai um homem connosco.
Enquanto diz das futilidades
de Miss Dawson
outros olham-nos como se fôssemos a parte negativa
deste mundo restrito.
Em distante estrada plena de sol
dum qualquer país distante
Henri, o marinheiro, caminha com o céu sobre a cabeça.
Não atiramos pedras em vão.
Continuamos a subir de mãos nos bolsos
e, porque agora, muitos nos olham
inviamente,
no cimo, cuspiremos o chewing-gum
de encontro à parede.

F E S T A

Quando romper a manhã...

Não,
nada de estandartes desfraldados,
bandeiras a baloiçar-se ao vento.
Nem gritos, nem manifestações,
nem meetings no bulício da praça.
Tão-pouco a embriaguez desvairada,
a louca conquista da rua.

Quando romper a manhã,
saibamos erguer a fronte
ao sol puro.
Em silêncio olhar de frente,
na curva do horizonte,
o novo sol-nascente.
Saibamos recolher-nos
e, por um longo momento,
pesar,
respirar,
captar as múltiplas vivências
da tranquila alegria
que irá brotar ininterrupta,
quando romper a manhã.

de
Reino Submarino
(1962)

ÍNDICE

«Nada tem já encanto». Um exílio que vinha de longe. <i>Eugénio Lisboa</i>	5
Nota editorial. <i>Pedro Mexia</i>	17

de *O País dos Outros* (1959)

Lírica para uma ave	23	Exactidão nocturna	32
Naturalidade	24	A quinta década	33
Princípio do dia	25	Dawn	35
Sobrevivência	26	Tédio	37
Direcção proibida	27	Festa	38
Carta para um amor	29		

de *Reino Submarino* (1962)

Chave	41	Velho colono	53
Paisagem	43	Metafísica	54
Hidrografia	45	O campo	56
Navio no porto	48	A pedra no caminho	57
Medalhão	49	Na morte de Reinaldo Ferreira	58
Pequena elegia	50	Winds of change	60
Poemazinho reaccionário		Fim de tarde no café	61
para uso particular	51	Relógio de sol	62
Balada dos jovens rebeldes	52		

Máquina de Areia (1964)

Pirâmide	65	Anemoscopia	76
Visitação	70	Coda	79
Novo Testamento	73		

de Mangas Verdes com Sal (1969)

Não obstante...	83	Três falas inventadas	
À Paris	84	para três personagens	
Carta ao poeta Eugénio		de Shakespeare	109
Evtushenko a propósito		De constante e meu	112
de uma suposta autocrítica	86	Só e surpreso	113
Baldio	87	Verso retomado	115
Guns in the afternoon	88	Incêndio	116
Então, Rui?	90	Feliz	117
Contrição	91	Cartas da véspera	118
Posteridade	94	Imagem reflectida	119
O avô em viagem	95	Praça Sete de Março	120
O fio da vida	96	História antiga	121
Surdo e firme	97	A fool dies	122
O velho	99	Promenade dos espectros	123
A casa dos mortos	100	The coming of age	125
Hereditariedade	101	Disparates seus no Índico	126
Lobos no povoado	103	Outubro 1969	128
O cão da angústia	104	Lee Marvin	130
Auto-retrato	105	Glosa de Shakespeare	131
«Cântico negro»	106	Glosa de Camões	132
O preto no branco	107	Kaap die Goeie Hoop	133
Mangas verdes com sal	108	Santo-e-senha	134

de A Ilha de Próspero (1972)

Muipíti	137	Canção de Ariel	145
Nenhum momento	139	Ponta da ilha	146
Café de penumbra	140	Epitáfio (que podia ser)	
Terraço da Misericórdia	141	de D. Estêvão	147
A capela	142	Fala de Jorge Mariz	148
Os pedreiros de Diu	143	Padrão	150

O Escriba Acocorado (1978)

I. Proposição	153	VIII. O cão do Nilo	168
II. Pátria	155	IX. A pata de sangue	170
III. O mesteiral de Ilium	157	X. Babel e o labirinto	172
IV. Heróis e mitos	159	XI. Livro de horas	174
V. As imagens quebradas	162	XII. Metamorfose	176
VI. Ao lume da água	164	XIII. Salamandra e o fogo	178
VII. Encantações		XIV. Morte e redenção	180
e exorcismos	166	XV. Posposição	181

de O Corpo de Atena (1984)

Notas para a regulamentação		Inominado nome	198
do discurso próprio	185	O sono de Percival	200
Derrota	188	Morte de Artur	202
Memorial de Kish	190	Cinco meditações junto	
O escriba acocorado	192	ao Luco	204
As luzes de Elsinore	193	Memória consentida	209
Inventário	195	Um rio votivo	211
Justerini & Brooks	197	O livro fechado	213

de O Monhé das Cobras (1997)

O monhé das cobras	217	Rio dos bons sinais	229
O pombo verde	218	Dana	230
Cambaco	219	O aedo	231
Madala	220	Praça Mac Mahon	232
Passanoute	221	O cavalo do Mouzinho	233
Cabo submarino	222	Aeroporto	234
Cantilena de subúrbio	223	Invernal	235
O holocausto	224	O tempo e o newsagent	236
Matinés do Scala	226	Na ribalta	238
Miradouro	227	As origens	239
Cabo Camões	228		

nada tem já encanto
poemas escolhidos



de Rui Knopfli
foi impresso na Guide, Artes Gráficas,
em papel CoralBook de 90 g, em Setembro de 2017.

NESTA COLECÇÃO

Cinza • Rosa Oliveira

Exemplos • João Vário

Depois da Música • Luís Quintais

Gaveta do Fundo • A. M. Pires Cabral

Última Semana • Hugo Williams

Equatorial • Fabiano Calixto

Jóquei • Matilde Campilho

77 Oníricas • John Berryman

Persianas • Miguel-Manso

Andar a Par • José Ricardo Nunes

Europa • Rui Córias

Ver no Escuro • Cláudia R. Sampaio

A Dor Concreta • António Carlos Cortez

Viveres • Miguel Cardoso

Alguma Coisa Negro • Jacques Roubaud

Tardio • Rosa Oliveira

Poemas Quotidianos • António Reis